
Imprensa e poder na Amazônia: a *guerra* discursiva do paraense *O Liberal* com seus adversários¹

Prensa y poder en la Amazonia: la *guerra* discursiva del paraense *O Liberal* con sus adversarios

Press and power in the Amazon: the discursive war of *O Liberal*, a journal from the state of Pará, with their rivals.

Recebido em: 31 dez. 2013

Aceito em: 25 mar. 2014

Netília Silva dos Anjos SEIXAS

Universidade Federal do Pará (Belém-PA, Brasil)

Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Contato: netiliaseixas@gmail.com

Avelina Oliveira de CASTRO

Universidade Federal do Pará (Belém-PA, Brasil)

Jornalista, mestranda do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Contato: avelinacastro@gmail.com

¹ Este estudo integra o projeto de pesquisa “A trajetória da imprensa no Pará”, desenvolvido na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

RESUMO

Este artigo discute a “guerra discursiva” do jornal paraense *O Liberal* (1946-atual), um dos mais importantes periódicos da Amazônia, com seu principal adversário político e mercadológico *Diário do Pará* (1982-atual) e com o alternativo *Jornal Pessoal*, que representa a resistência nessa microfísica de poder midiático. Nossa pesquisa com os jornais paraenses utiliza como metodologia a Análise do Discurso (AD) de vertente francesa, tomando como principal referencial teórico Michel Foucault. Na análise foi possível observar que os enunciados de ataques de *O Liberal* a seus atuais adversários estão inseridos em uma rede de memória construída, discursivamente, desde a fundação do periódico e que vem sendo atualizada, ao longo das décadas, com as mesmas estratégias discursivas e jornalísticas de disputa de poder.

Palavras-chave: Jornalismo Impresso; Jornais do Pará; Discurso; Poder; Amazônia.

RESUMEN

Este artículo aborda la “guerra discursiva” del periódico paraense *O Liberal* (1946-presente), uno de los más importantes periódicos de la Amazonia, con su principal oponente político y mercadológico *Diário do Pará* (1982-presente) y con el periódico alternativo *Jornal Pessoal*, que representa la resistencia en esa microfísica del poder mediático. Nuestra investigación con los periódicos paraenses utiliza como metodología el Análisis del Discurso (AD) del lado francés, teniendo como principal marco teórico Michel Foucault. En el análisis se observó que los enunciados de agresiones de *O Liberal* a sus adversarios actuales se insertan en una red de memoria construida, discursivamente, desde la fundación del diario y que se actualiza, en el curso de las décadas, con las mismas estrategias discursivas y periodísticas de lucha por el poder.

Palabras clave: Periodismo Impreso; Periódicos del Pará; Discurso; Poder; Amazonia.

ABSTRACT

This article discusses the “discursive war” of the Brazilian newspaper from the state of Pará *O Liberal* (1946-present), one of the most important of its kind in the Amazon, with their main rival in the political and marketing fields, *Diário do Pará* (1982-present) and with the alternative newspaper *Jornal Pessoal*, which represents the resistance on this microphysics of the media power. Our research utilizes as methodology the Frech Discourse Analysis, having as main reference the theorist Michel Foucault. In our analysis it was observed that the statements of attacks from *O Liberal* to its rivals are inserted in a memory web discursively built since the foundation of the journal and which has been updated over the decades with the same discursive and journalistic dispute for power.

Keywords: Print journalism; Journals of Pará; Discourse; Power; Amazon.

Considerações iniciais

No Pará, o segundo maior estado da Amazônia brasileira, existem atualmente três jornais de grande circulação: *O Liberal* (1946-atual), *Diário do Pará* (1982-atual) e *Amazônia* (2000-atual). Fora da grande imprensa local, há o alternativo *Jornal Pessoal*, com 25 anos de criação. Neste artigo, mostramos que há uma dinâmica de disputa de poder que se reflete em uma verdadeira “guerra discursiva” entre *O Liberal* e o *Diário do Pará*, os dois mais importantes periódicos da Amazônia paraense. Além disso, de forma não menos importante, há um “duelo” paralelo travado entre *O Liberal* e o *Jornal Pessoal*.

O Liberal é o mais antigo jornal em funcionamento na imprensa paraense. Foi criado em 15 de novembro de 1946 com finalidade político-partidária, como "órgão de comunicação do Partido Social Democrático" (O LIBERAL, 1946: 1). Tal objetivo foi proposto claramente na capa da primeira edição. O jornal foi fundado pelo major Luiz Geolás de Moura Carvalho e outros políticos regionais, chefiados pelo coronel Joaquim Cardoso de Magalhães Barata, senador do Pará, à época, para fazer frente aos ataques dos adversários e da imprensa oposicionista ao PSD, como o jornal *Folha do Norte* (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

Ao longo de sua trajetória, *O Liberal* duelou com os concorrentes, atualizando, discursivamente, a rede de memória da disputa política e de poder da imprensa local, até os nossos dias. Muitas dessas disputas ganharam destaque na capa. O primeiro adversário a trocar ataques com *O Liberal* foi o jornal *Folha do Norte* (1896-1974), de propriedade de Paulo Maranhão e ligado ao Partido Social Progressista (PSP), ver mais sobre essa disputa em Castro e Seixas (2013). Em 1965, o jornal mudou de propriedade, mas continuou com ligação política, embora em outra linha (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

Em 1966, o jornal foi comprado pelo jornalista e empresário Romulo Maiorana, que implementou, sucessivamente, modificações gráficas e editoriais, transformando *O Liberal* em um dos maiores jornais em circulação na Amazônia. Posteriormente, passou a integrar as Organizações Romulo Maiorana (ORM), dona também de emissoras de rádio AM e FM e de televisão aberta (afiliada da Rede Globo), além de operadora de TV a cabo e portal de notícias² (PROJETO DONOS DA MÍDIA, 2013).

² O portal de notícias pode ser acessado em www.orm.com.br.

Já o jornal *Diário do Pará* foi criado em 22 de agosto de 1982 pelo atual senador da República, Jáder Barbalho, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro no Pará (PMDB-PA), para dar sustentação à carreira política que ele estava iniciando na época. Atualmente, o jornal integra o grupo Rede Brasil Amazônia (RBA), que também possui uma emissora de televisão aberta (afiliada à Rede Band) e emissoras de rádio AM e FM no estado paraense.

O Liberal e o *Diário Pará* são impressos no tamanho *standard*, em cores, e com diversidade de cadernos, alternando, ao longo da semana, o número de páginas de cada um. A tiragem de ambos não é conhecida dos leitores, já que apenas o *Diário do Pará* é filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC), mas nunca publicou a sua tiragem (CASTRO; SEIXAS, 2013). *O Liberal* desvinculou-se do IVC em 2006, por problemas com os números de circulação apresentados ao órgão (PINTO, 2009: 1).³

Nesse campo de disputa comunicacional também há o *Jornal Pessoal*, um periódico alternativo criado em 1987 pelo jornalista paraense Lúcio Flávio Pinto,⁴ considerado um dos maiores especialistas brasileiros em questões amazônicas (VELOSO, 2010). De circulação quinzenal, o periódico chegou à 550ª edição na primeira quinzena de dezembro de 2013. Editado em formato A-4, começou a circular com 12 páginas e, atualmente, possui 16, mantendo a tiragem inicial de dois mil exemplares.

O JP é feito por seu editor de forma solitária e tem como *slogan* ser uma "Agenda Amazônica". Nesse sentido, prioriza pautas voltadas para a política regional, economia e meio ambiente – com ênfase no impacto dos grandes projetos desenvolvidos na Amazônia por empresas privadas e estatais –, narcotráfico, mídia, escândalos financeiros e problemas urbanos. A ausência de anúncios publicitários é uma das singularidades do periódico, que se mantém apenas com a venda em banca, sem serviço de assinatura. O exemplar custa R\$ 5,00. Tais características o colocam em uma posição contra-hegemônica na imprensa paraense, o que já gerou um resultado pesado de exatos 33 processos judiciais contra seu editor.⁵

³ Ver mais sobre a falta de publicidade sobre a tiragem de *O Liberal* e *Diário do Pará* em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed760_os_jornais_fraudados. Acesso em: 18 dez. 2013.

⁴ Graduado em Sociologia, Lúcio Flávio Pinto trabalhou para as revistas *Veja* e *Realidade* e foi correspondente da região para o jornal *O Estado de S. Paulo* por 17 anos. Decidiu afastar-se da grande imprensa em 1988, um ano após a criação do JP, para se dedicar, exclusivamente, ao alternativo.

⁵ Lúcio Flávio Pinto foi condenado em janeiro de 2013 a pagar indenização de R\$ 410.000,00 (ou 600 salários mínimos) ao empresário Romulo Maiorana Júnior por danos morais contra a imagem da família Maiorana na

De acordo com estudos da pesquisadora Socorro Veloso (2008), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o *Jornal Pessoal*⁶ foi criado com base em experiência similar desenvolvida entre 1952 e 1971, nos Estados Unidos, pelo jornalista Isidore Feldenstein Stone. Também considerado um dos mais importantes profissionais de sua geração, Stone saiu do *New York Times* para fundar o *I.F. Stone's Weekly*, inicialmente um pequeno semanário, depois quinzenário alternativo, cuja tiragem máxima atingiu 30 mil exemplares.

Esse breve histórico dos três jornais que foram analisados é necessário porque, segundo Michel Foucault (2012: 41), é preciso "distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros". O levantamento das redes de memória onde estão inscritos vários enunciados de disputa entre os jornais paraenses revela o quanto essa historicidade não foge a regra, de ser belicosa e, nesse sentido, materializada nos dois impressos sempre com muitos ataques discursivos recíprocos entre eles.

Creio que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo da língua e dos signos, mas sim da guerra e da batalha. A historicidade que nos domina e nos determina é belicosa e não linguística. Relação de poder, não relação de sentido (...) é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas (FOUCAULT, 2012: 41).

Ao discutir sobre "jornalismo e poderes", Ciro Marcondes Filho (2009) fala sobre o fato de cada jornal representar interesses diversos, que vão desde os mais particulares até os políticos e de classe aos quais o veículo está ligado. De acordo com o autor, "criar jornais é encontrar uma forma de elevar a uma alta potência o interesse que têm indivíduos e grupos em afirmar publicamente suas opiniões e informações" (MARCONDES FILHO, 2009: 75). Ou seja, cada jornal, a partir de sua criação, dá eco

reportagem "O rei da quitanda", que é objeto de análise neste artigo. Ver mais informações sobre esse e os demais processos judiciais em <http://somostodoslucioflaviopinto.wordpress.com/2013/01/23/jornalista-paraense-e-novamente-condenado-a-pagar-indenizacao-exorbitante-a-empresario/> Acesso em: 27 nov. 2013. Também pode ser visto em <http://www.cartacapital.com.br/politica/o-tribunal-transformou-o-processo-juridico-em-politico-diz-jornalista-processado-no-para> Acesso em 27 nov. 2013.

⁶ O *Jornal Pessoal* é considerado a mais importante publicação independente da Amazônia brasileira na atualidade, segundo a pesquisadora Socorro Veloso, cuja tese de doutoramento foi "Imprensa, poder e contra-hegemonia na Amazônia: 20 anos do *Jornal Pessoal* (1987-2007)", defendida em 2008, na Universidade de São Paulo (USP).

às posições pessoais, de classe ou de nações. É o que na Análise do Discurso (AD) é definido como a constituição institucional do “lugar de fala” discursivo, o que, no caso dos jornais e da mídia de um modo geral, é exercido por meio de “um complexo industrial-tecnológico que, além de preservar uma suposta impessoalidade, afirma-se, pelo seu poder e soberania, como a verdade” (MARCONDES FILHO, 2009: 75).

O trabalho arqueológico

A análise apresentada nesse artigo se ampara na noção de história genealógica de Foucault (2012), que propõe problematizar o passado a fim de desvelar suas camadas arqueológicas, seus atravessamentos, que constituem sentidos. Maria do-Rosário Gregolin (2007: 41), no artigo “Discurso, história e a produção de identidades na mídia”, afirma que a historicidade é estabelecida a partir de um problema do presente “e voltar à história significa olhar o passado não como fonte do presente (sua origem embrionária), mas como lugar do acontecimento”. Ou seja, o passado se constitui como um lugar no qual surgem os enunciados que exibem as lutas, os conflitos e as circunstâncias que os fizeram emergir em certo momento histórico. Nesse sentido, tomamos como base as premissas da Análise do Discurso de linha francesa, adotando como principal referencial teórico o filósofo francês Michel Foucault e os conceitos desenvolvidos por ele, sobretudo nas obras “Arqueologia do saber” (2005), “A ordem do discurso” (1996) e “Microfísica do poder” (2012).

O levantamento arqueológico dos enunciados dos jornais selecionados teve como procedimento metodológico o recorte histórico dos meses de maio e novembro de um ano por década, com o objetivo de verificar a atualização dessa rede de memória discursiva de disputa entre os jornais. Os dados foram recolhidos a partir do ano de criação de *O Liberal* (1946), seguindo para 1956, 1966 e assim por diante, até 2006. Houve exceção nesse recorte com relação ao ano de 1956, não disponível na Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém (Pará), onde se concentra o acervo dos jornais. Então, foi incluído o ano de 1958, o mais próximo do recorte predefinido metodologicamente e que estava disponível.

Na análise dos enunciados do *Diário do Pará*, começamos pelo ano de sua criação (1982), selecionando também os meses de maio e novembro. Mas, para equipararmos o recorte de nossos estudos, seguimos para os anos de 1986, 1996 e 2006, como em *O Liberal*. Para a atualização dessa rede de memória, fizemos também

levantamentos do período recente - 2012 e 2013 -, que foram marcados por confrontos discursivos e de poder entre os dois jornais, o que acabou ganhando destaque, sobretudo nas capas, como mostraremos em nossa análise. Todas as edições dos dois jornais nos meses definidos foram lidas, no entanto, por uma questão de espaço. Nesse trabalho são apresentados alguns dados das três primeiras décadas (1946, 1958 e 1966) e do período atual, por se constituírem no período fundador dos discursos de *O Liberal* e na sua atualização.

Para discutir a disputa discursiva periférica de *O Liberal* com o *Jornal Pessoal*, utilizamos duas edições do JP. A primeira edição foi a de nº 337, intitulada *O rei da quitanda*, publicada na primeira quinzena de janeiro de 2005. O texto foi considerado como o acontecimento discursivo que deu início a uma série de ataques entre os dois impressos, e resultou, inclusive, em agressão física a Lúcio Flávio pelo diretor de *O Liberal*, Ronaldo Maiorana, e em vários processos judiciais. No artigo, Lúcio Flávio Pinto analisa o poder desmesurado que o irmão de Ronaldo Maiorana, o presidente atual das ORM, Romulo Maiorana Júnior, exerce no Estado do Pará e o esquema de venda de espaços e textos jornalísticos como se estivesse vendendo produtos em uma “quitanda”, inclusive, usando de chantagem para se beneficiar na negociação.

A segunda edição analisada foi a de nº 542, da segunda quinzena de agosto de 2013, intitulada “O poder do poder”, na qual Lúcio Flávio Pinto escreve sobre a “guerra” que *O Liberal* e o *Diário do Pará* travam entre si, em que “abusam do poder de abusar da opinião pública” (PINTO, 2013: 1). Pinto atualiza a rede de memória discursiva, fazendo menção, na ilustração da capa e ao longo do texto, ao fato dos dois jornais terem se igualado na postura jornalística exercida como uma verdadeira “quitanda”, só que não de venda de produtos alimentícios, mas de espaços jornalísticos, iludindo os leitores a acreditarem que textos pagos publicados nos periódicos são reportagens de iniciativa da redação. O redator ainda destaca a prática da chantagem que os dois periódicos hegemônicos estariam exercendo em relação aos clientes, a maioria grandes empresas e representantes políticos locais.

Os jornais *O Liberal* e *Diário do Pará* disputam entre si o *status* de ser o veículo que divulga a “verdade”, a fim de conquistar a credibilidade dos leitores. Para Foucault (2012), as “verdades” são produzidas discursivamente ao longo da história, pois, segundo o filósofo, o saber - construído como uma verdade - está diretamente relacionado ao poder:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder (...) é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, Exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas "ideológicas") (FOUCAULT, 2012: 52).

Por essa razão, analisar discursos significa tentar compreender a maneira como as *verdades* são produzidas e enunciadas. Para Foucault (2005), o discurso é considerado como uma prática que provém da formação dos saberes e ela se articula com as outras práticas não discursivas, pois a produção discursiva, segundo o autor, funciona como um jogo estratégico, um espaço em que saber e poder se articulam, uma vez que quem fala (o sujeito), fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente. Ou seja, o sujeito se expressa, como destacamos anteriormente, de um "lugar de fala" institucionalizado.

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência (...) é, de parte a parte, histórico - fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo. (FOUCAULT, 2005: 132).

Foucault (2005), ao falar sobre o discurso dos médicos, destaca que é preciso descrever os lugares institucionais de onde o médico obtém seu discurso e onde ele encontra sua legitimidade e ponto de aplicação. Nesse caso, o lugar institucional é o hospital, onde os saberes e poderes são produzidos. No caso de nossa pesquisa, o lugar institucional de fala é ocupado pela mídia impressa, aqui representada pelos jornais *O Liberal*, *Diário do Pará* e pelo alternativo *Jornal Pessoal*. Cada uma dessas instituições jornalísticas (lugares de fala) representa, por meio de seus enunciados, diferentes interesses políticos e empresariais.

Os discursos são compostos, portanto, de uma rede de enunciados tecida historicamente e atravessada por relações de poder. No caso dos jornais do escopo desse

estudo, o conjunto complexo discursivo forma uma rede de memória, atualizada durante o percurso histórico dos veículos. Sobre memória discursiva, Helena Brandão (1995: 79) explica que essa noção "separa e elege dentre os elementos constituídos numa determinada contingência histórica, aquilo que, numa outra conjuntura dada, pode emergir e ser atualizado". Ou seja, esse processo de seleção, que se assemelha ao de edição realizado nas redações jornalísticas, rejeita o que não deve ser trazido à tona e separa aquilo que pode ser dito e que representa os interesses do lugar de fala de cada periódico. Brandão (1995: 79) observa que a memória discursiva tem uma função ambígua, "na medida em que recupera o passado e, ao mesmo tempo, o elimina com os apagamentos que opera, produzindo determinados efeitos". Sobre essa operação de atualização da memória discursiva, Michael Pollak diz:

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro. (POLLAK, 1989: 10).

Por essa razão, torna-se relevante estudar o que a imprensa publica ao longo da história, os seus discursos, os sentidos que propõe, já que faz o registro do cotidiano. Como destaca Michael Pollak (1989), a memória é uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, historicamente.

Ataques e atualização da rede de memória

O jornal *O Liberal* traz já em sua primeira edição, em 15 de novembro de 1946, os primeiros ataques contra o adversário que, à época, era o jornal *Folha do Norte* (1896-1974), dirigido pelo jornalista Paulo Maranhão. De lá para cá, mudaram os adversários, mas a rede de memória foi sendo atualizada com vários outros ataques à honra e a imagem dos concorrentes. Em texto na capa da primeira edição, *O Liberal* destaca:

Queremos, porém, bem alto salientar que não nos anima nenhum intuito de nos nivelar a certa imprensa desta terra, isto é, de imitar-lhe a conduta odiosa e os processos torpes de campanha mesquinha,

vazada em estilo desrespeitoso e baixo. (O LIBERAL, 15 nov.1946: 1).

No entanto, mesmo afirmando nesse texto fundador que não usaria de “conduta odiosa” e “processos torpes de campanha mesquinha”, o jornal continuou atualizando seus discursos, em diversas edições posteriores, em confrontos diretos, com ataques que não poupavam ofensas aos concorrentes que foram surgindo ao longo de seu percurso histórico. A quinta edição de *O Liberal*, em 19 de novembro de 1946, traz um texto intitulado "Revide a dois canalhas", que responde a uma matéria publicada no matutino *Folha do Norte* do dia anterior. O próprio coronel Magalhães Barata, líder do PSD, destacou em texto publicado no jornal:

Minha atitude, porém, está tomada. Não sou dos que por timidez ou insegurança, arrepiam caminho, ao sopro pestilencial dos 'canos de esgoto da 1º de março'... Podem, assim, o velho escriba crapuloso da 'Folha do Norte' e seu filho João, ainda mais objeto do que aquele, exercer contra mim o seu ódio impotente, os achincalhes, em que são useiros e veseiros, não me desviarão do rumo traçado. (O LIBERAL, 19 nov. 1946: 3).

Ainda no mesmo texto, mais ataques: "E isso porque as '*Folhas*' são desmoralizadas; os seus exploradores - o decrépito famoso hediondo chantagista Paulo Maranhão e seu dileto filho, o 'João Gazua' não tem caráter". A sede do extinto jornal *Folha do Norte* funcionava na rua 1º de Março, no centro comercial de Belém (PA), na mesma área onde funcionam, até a atualidade, pontos de prostituição. A referência à localização das "*Folhas*" - como o próprio periódico se autodenominava - é diversas vezes feita nos ataques de *O Liberal*, provocando sentidos de depreciação do concorrente. Os ataques foram muitos e mútuos entre *O Liberal* e *Folha do Norte* (CASTRO; SEIXAS, 2013).

A referência que fazemos à "guerra" travada por *O Liberal* com a *Folha do Norte*, em meados do século XX, tem como objetivo evidenciar as origens da prática discursiva desse importante periódico amazônico, que é atualizada ao longo de seu percurso, de acordo com os acontecimentos, contexto e relações de poder de cada período histórico.

A partir de 1966, quando foi adquirido por Romulo Maiorana, o periódico passou também por mudanças editoriais que propuseram a ideia de uma postura mais profissional e apartada de interesses político-partidários. Porém, em função do assunto

em pauta, o jornal mostrava e mostra a sua posição, por meio de sua produção discursiva.

Um exemplo disso é que, naquele mesmo ano (1966), várias capas estamparam anúncios pedindo votos para o coronel Jarbas Passarinho, candidato ao Senado Federal pelo partido situacionista da Aliança Renovadora Nacional (Arena). Nesse período, a peça publicitária foi colocada logo abaixo do nome do jornal, dentro de um quadro gráfico que ambientava no mesmo espaço a logomarca de apresentação do jornal e a propaganda eleitoral em prol do candidato militar. Além disso, o jornal lançou mão de falas de cidadãos para ratificar a preferência do povo por Passarinho.

Mais de meio século depois da primeira investida de *O Liberal* às *Folhas*, o jornal voltou à estratégia de origem ao publicar na capa da edição do dia 16 de fevereiro de 2013, um editorial para atacar o concorrente *Diário do Pará* e seu proprietário, o senador Jáder Barbalho (PMDB-PA). Com o título “O rato sai do porão. E dizima a verdade” (Figura 1), o editorial traz uma enunciação em que desqualifica claramente os opositores. Na fala do jornal, o “porão” toma o lugar dos “canos de esgoto”, que outrora haviam sido referidos à *Folha do Norte*, e a expressão “decrépito”, usada para atingir Paulo Maranhão (proprietário da *Folha do Norte*) dá lugar a “rato”, atribuído, hoje, a Jader Barbalho, cujo nome tem sido ligado a processos que apuram malversação de dinheiro público.⁷

⁷ São exemplos o caso da ex-Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) e o enquadramento na Lei da Ficha Limpa, a partir da qual Jáder Barbalho foi inicialmente impedido de tomar posse como senador pelo Pará, o que só ocorreu posteriormente, quando a vigência da Lei foi transferida para as eleições seguintes.



Figura 1: O Liberal, 16 fev. 2013, capa, A3, (www.orm.com.br).



Figura 2: Diário do Pará, 17 fev. 2013, p. (www.orm.com.br).

Podemos observar que o *Diário do Pará* mantém os seus ataques no mesmo nível das ofensas contra si, nomeando a família Maiorana, proprietária de *O Liberal*, de "Maiotralhas" (Figura 2), sugerindo um sentido de quadrilha, que usurpava o dinheiro público em contratos questionados pelo periódico do senador. A sugestão está relacionada ao fato de que a expressão "Maiotralhas", usada nas notas e editoriais do *Diário do Pará* nos ataques e críticas para se referir aos irmãos da família Maiorana é uma alusão aos Irmãos Metralha, dos quadrinhos *Disney*, que são assaltantes. Com esse movimento enunciativo, o *Diário do Pará* realiza uma dupla operação: não só cria uma espécie de neologismo em relação ao nome dos proprietários do jornal adversário, mas também nega, ao mesmo tempo, reconhecê-los pelo nome próprio de família.

Eis um pequeno trecho do editorial de capa de *O Liberal*:

Animado por esse cheiro de interesses (ufa, mais um!), os Barbalhos têm feito o que mais sabem: mentem, deturpam, violentam, estupram a dignidade, barbalhizam a verdade. (O LIBERAL, 16 fev. 2013: 1).

No dia seguinte, eis um trecho da resposta publicada no *Diário do Pará*:

O ódio dos Maioranas contra os que fazem o DIÁRIO DO PARÁ é que nós evitamos o monopólio criminoso que os Maiotralhas imaginaram um dia impor à sociedade paraense, incluindo políticos, empresários, funcionários públicos de âmbito federal, estadual e municipal. (DIÁRIO DO PARÁ, 17 fev. 2013: A3).

É possível perceber em *O Liberal* a mesma estratégia enunciativa de jogar com o nome dos proprietários do *Diário do Pará*, quando traz a expressão “barbalhizam” como resultado de uma aglutinação entre “Barbalho” e “barbarizam”. Em resumo, os dois jornais usam a mesma estratégia enunciativa de “criar” sobre o nome do adversário, propondo enunciados de sentidos depreciativos para o concorrente, ao buscar atingir no outro algo muito caro: o seu nome próprio.

Os ataques e ofensas que lemos nas páginas de *O Liberal* retomam uma memória discursiva que reflete a prática jornalística e política da região desde o início da imprensa, em 1822, como estudos de Coelho (1993) e Seixas (2011) já evidenciaram. Ao usar os termos “barbalhizam” e “Maiotralhas”, os dois jornais constroem seus discursos, valendo-se da mesma estratégia discursiva de ofender a imagem de seus adversários, fazendo referência a práticas ilegais e/ou imorais. É importante destacar que essa memória discursiva do período de criação de *O Liberal* é atualizada a partir de uma seleção daquilo que pode e deve ser dito no presente, aos moldes do que propõe Foucault (2005), de acordo com os interesses políticos e mercadológicos do momento histórico atual.

Recentemente, nos dias 18 e 21 de abril de 2013, mais duas capas dos dois periódicos evidenciam o confronto discursivo entre os dois jornais. A disputa política e de poder pela liderança no mercado mais uma vez ganhou a capa dos dois jornais

Novamente, *O Liberal* levou as suas páginas o discurso acalorado, ofensivo à honra de seus opositores. Dessa vez, o pronunciamento do senador paraense pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB-PA), Mário Couto, no Congresso Nacional, foi colocado na capa da edição do dia 18 de abril, com destaque na parte superior. No texto, Couto chama de “ladrão” o filho do senador peemedebista, Jader Filho, que é também diretor do *Diário do Pará*. O discurso de Couto foi feito em resposta à fala do senador Jader Barbalho que, dias antes, o havia chamado de “fanfarrão”, no Senado. Os ataques entre os dois parlamentares, mesmo sendo de cunho

político-partidário, foram usados em *O Liberal* para atingir a imagem do proprietário do jornal concorrente.⁸

É importante destacar que a seleção dos enunciados jornalísticos não é aleatória, pois “os discursos passam por procedimentos de controle, seleção, organização e redistribuição” (FOUCAULT, 1996: 8-9). Mais do que isso, para que esse discurso seja validado e tido como verdade, é preciso que a voz institucional tenha legitimidade. No caso do jornalismo, os veículos jornalísticos são vistos como a voz institucional legitimada socialmente para narrar fatos da forma mais próxima da verdade, dos fatos brutos (TRAQUINA, 2005). É justamente essa legitimidade e credibilidade que *O Liberal* quer atingir no seu concorrente *Diário do Pará* e vice-versa, ao mesmo tempo em que busca se afirmar como legítimo.

A resistência do Jornal Pessoal

A edição nº 337 do *Jornal Pessoal* (Figura 3), cuja manchete foi “O rei da quitanda”, funcionou como uma verdadeira “bomba” na “guerra discursiva” existente na imprensa da Amazônia paraense. A partir daí, as relações de poder entre o jornal *O Liberal* e o alternativo *Jornal Pessoal* ganharam embates discursivos mais fortes e os desdobramentos da publicação dessa edição resultaram em agressão física e um total de 33 processos judiciais, como já mencionado, contra o redator do JP.



⁸ O Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) é, atualmente, o partido de afinidade de *O Liberal*, o que fica evidenciado pelo constante uso dos discursos de seus políticos para atacar o concorrente *Diário do Pará*, de Jáder Barbalho (PMDB-PA).

Figura 3: Jornal Pessoal, 1ª quinzena jan. 2005, capa, Avelina Oliveira de Castro (Biblioteca Pública Arthur Vianna).

Em três páginas, incluindo a capa, e uma coluna da quarta página, Lúcio Flávio Pinto faz uma análise do poder que o principal executivo de *O Liberal* exerce no Estado do Pará e como o jornal se relaciona com o poder econômico e político do Estado. Já na capa, o redator destaca:

O poder de Romulo Maiorana Júnior, o principal executivo do maior grupo de comunicação do Norte do país, contrasta com a situação de um Estado destituído de informação, de opinião e de posição. O grupo Liberal é mais poderoso do que o Estado no qual atua. Mais do que um título, esse é um epitáfio: o que lhe dá força é o que enfraquece o Pará. (PINTO, 2005: 1).

Nesse trecho do início do artigo de Lúcio Flávio Pinto, ele já destaca a quem está endereçada a principal matéria jornalística da edição e quem é o detentor do título de "rei da quitanda". Observamos nesse trecho que a análise crítica do redator se estende também ao enfraquecimento político do Estado do Pará, que não consegue fazer frente ao poder de manipulação da opinião pública conduzida, discursivamente, por *O Liberal* em suas páginas.

No cenário midiático do Pará, o jornalismo alternativo feito por Lúcio Flávio Pinto exerce um poder contra-hegemônico, ou seja, é o processo de resistência ao poder exercido pela grande mídia, representada por *O Liberal*. Segundo Foucault (2012), onde existe poder, existe resistência, ou seja, se há um poder exercido de cima para baixo, há também uma resistência operando de baixo para cima. Dito de outra forma, para todo poder exercido há sempre a possibilidade de resistência, pois "jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação" (FOUCAULT, 2012: 360).

Nesse sentido, Lúcio Flávio Pinto conduz a escrita de seus enunciados, estrategicamente, de forma argumentativa, para se contrapor ao poder hegemônico do jornal *O Liberal* e também fazer uma crítica à posição passiva do Estado na dinâmica desse campo de poder político-econômico. Em um trecho do artigo, o editor do JP destaca:

Quando o negócio da informação se reduz a uma quitanda, o poder jornalístico se torna uma fonte de poder pessoal, imenso para quem o

exercita e absolutamente vazio para todos os demais, e a informação, uma banana. É o que, em boa medida, explica o estado de prostração no qual o Pará se encontra, incapaz de entender seu drama, por falta de informações, e submisso à vontade do soba, que o manipula conforme seus caprichos. (PINTO, 2005: 2).

Observamos que, nesse trecho, Lúcio Flávio Pinto usa a expressão "quitanda" ao comparar a empresa jornalística a um pequeno comércio de produtos alimentícios, uma espécie de "balcão de negócios" onde a notícia - matéria-prima jornalística - é negociada e vendida. Esta (a notícia) é comparada a uma "banana" pelo baixo valor que lhe é atribuído. A comparação da fruta banana com a notícia é usada para mostrar como o valor da segunda é subestimado, seguindo a mesma lógica do ditado popular, quando se refere a algo que é "vendido a preço de banana". Além disso, o desmesurado poder do "rei" dessa quitanda só beneficia a ele mesmo, em detrimento do Estado, que é enfraquecido nessa dinâmica de relação de poder.

Em pesquisa sobre o *Jornal Pessoal*, Veloso e Rondelli (2008) evidenciam que a publicação de "O rei da quitanda" resultou em agressão física e ameaça de morte contra Lúcio Flávio Pinto:

No início da tarde de 21 de janeiro de 2005, o jornalista Lúcio Flávio Pinto foi agredido dentro de um restaurante, em Belém, pelo empresário Ronaldo Maiorana. Herdeiro do maior grupo de comunicações do Norte do país, as Organizações Romulo Maiorana, Ronaldo é advogado e presidente da Comissão de Defesa da Liberdade de Imprensa da seção paraense da Ordem dos Advogados do Brasil. De acordo com comunicado divulgado por Lúcio Flávio, Ronaldo Maiorana o agrediu pelas costas e o ameaçou de morte em represália ao artigo intitulado "O rei da quitanda". (VELOSO; RONDELLI, 2007: 6).

As agressões a Lúcio Flávio Pinto renderam repercussão nacional no portal *Comunique-se*, no site *Observatório da Imprensa* e no blog do jornalista Ricardo Noblat, além de textos, embora com pouco destaque, nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*. Mais do que isso: renderam também processos judiciais contra o editor. Apenas uma das irmãs da família Maiorana, Rosângela Maiorana, é autora em sete deles, alegando danos morais pela reportagem contra o grupo.

Considerações finais

Nossa análise sobre os discursos e as relações de poder entre os jornais hegemônicos *O Liberal* e *Diário do Pará* revelam um cenário de interesses político-partidários que atravessam a produção discursiva dos dois periódicos desde a sua criação. Nos dois jornais, as estratégias de ataque alcançam grande destaque, ao merecerem publicações repetidas na capa e nos editoriais, algo incomum nos maiores impressos do país.

Observamos que *O Liberal*, como jornal paraense mais antigo em funcionamento, traz em sua rede de memória desde a fundação, em 1946, uma prática discursiva de ataques a seus concorrentes, ataques esses sempre plenos de ofensas à honra das famílias, amigos e/ou correligionários ligados aos concorrentes. Mesmo mudando de propriedade há muito tempo, em 1966, *O Liberal* continua atualizando essa rede de memória discursiva (FOUCAULT, 2012), de acordo com o contexto histórico e político de seu percurso na imprensa da Amazônia paraense.

Observamos que a disputa pela credibilidade jornalística e, conseqüentemente, pela preferência dos leitores não se revelou apenas de caráter mercadológico. Há uma disputa junto à opinião pública que também é atravessada por interesses político-partidários de constituição de poder no Estado. Ambos os jornais hegemônicos representam interesses de um plano político-partidário de poder para ser implementado no segundo maior estado da Amazônia brasileira.

Já o *Jornal Pessoal* também aparece nesse cenário de disputa de poder na imprensa paraense, só que na posição contra-hegemônica (VELOSO, 2008), produzindo discursivamente em um processo de resistência ao poder da grande mídia regional.

Lúcio Flávio Pinto tem exercido o jornalismo de forma "inventiva, móvel e produtiva", características da resistência ao poder hegemônico, segundo explica Foucault (2012: 360), ao teorizar sobre a microfísica do poder. O editor do JP desnuda e revela os bastidores do poder na imprensa regional e também as muitas estratégias político-econômicas de diversos grandes projetos na Amazônia, pautando assuntos que a grande imprensa não pauta (VELOSO, 2010).

Por fim, o que pretendemos mostrar com este artigo é o que vem sendo pesquisado por Gregolin (2007: 59), que chama a atenção para o fato de que, na contemporaneidade, "a mídia é uma fonte poderosa e inesgotável de produção e reprodução de subjetividades, evidenciando sua sofisticada inserção na rede de poderes que criam as sujeições do presente". Nesse sentido, os discursos da mídia estão

inseridos em uma rede de memória que possui vários atravessamentos e relações de poder, não sendo fixos e contínuos, mas móveis, dispersos e descontínuos.

Referências

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. Jornais Paraóaras: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

CASTRO, Avelina Oliveira de; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. História, discursos e relações de poder nas páginas de O Liberal. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Ouro Preto. Anais... Ouro Preto, MG: Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia; Universidade Federal de Ouro Preto, 2013.

COELHO, Geraldo Mártires. Anarquistas, demagogos e dissidentes: a imprensa liberal no Pará de 1822. Belém: CEJUP, 1993.

DIÁRIO DO PARÁ. Repórter Diário. Belém, 17 fev. 2013, p. A3.

DIÁRIO DO PARÁ. Maiorana é denunciado pelo MPF. Belém, 21 abr. 2013, p.1.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. Microfísica do poder. São Paulo: Graal, 2012.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Discurso, História e a produção de identidades na mídia. In: FONSECA-SILVA, Maria da Conceição (org.); POSSENTI, Sírio (org.). Mídia e rede de memória. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2007, p. 39-60.

MARCONDES FILHO, Ciro. Ser jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria. São Paulo: Paulus, 2009.

O LIBERAL. Nosso objetivo. Belém, 15 nov. 1946, p.1.

O LIBERAL. Revide a dois canalhas. Belém, 19 nov. 1946, p.3.

O LIBERAL. O rato sai do porão. E dizima a verdade. Belém, 16 fev. 2013, p. 1.

O LIBERAL. Mário Couto rasga CPI da Sudam da tribuna. Belém, 18 abr. 2013, p. 1.

PINTO, Lúcio Flávio. O rei da quitanda. *Jornal Pessoal*. Belém, 1ª quinzena jan. 2005, p. 1-4.

_____. O poder do poder. *Jornal Pessoal*. Belém, 1ª quinzena ago. 2013, p.1-4.

_____. *Jornal Pessoal: a agenda amazônica de Lúcio Flávio Pinto*. Disponível em: <<http://www.lucioflaviopinto.com.br/?p=603>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

_____. Observatório da Imprensa: você nunca mais vai ler jornal do mesmo jeito. Disponível em: <http://www.observatoriodaimpresa.com.br/news/view/diario_do_para_o_novo_liberal>. Acesso em: 21 abr. 2013.

_____. Observatório da Imprensa: Os jornais fraudados. Disponível em: <http://www.observatoriodaimpresa.com.br/news/view/_ed760_os_jornais_fraudados>. Acesso em: 18 dez. 2013.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, vol. 2, nº 3. 1989.

PROJETO DONOS DA MÍDIA. Os grupos regionais. Brasília, DF, [2013]. Disponível em: <<http://donosdamidia.com.br/grupos/regionais#>>. Acesso em: 26 out. 2013.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. A trajetória da imprensa no Pará. Projeto de pesquisa, Edital Universal MCT/CNPq Nº 14/2012 - Faixa A. Belém: UFPA, 2012.

_____. Panorama da imprensa em Belém: os jornais de 1822 a 1860. In: MALCHER, Maria Ataíde (org.); SEIXAS, Netília Silva dos Anjos (org.); LIMA, Regina Lúcia Alves de (org.); AMARAL FILHO, Otacílio (org.). *Comunicação midiaticizada na e da Amazônia*. Belém: FADESP, 2011, p. 225-248.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004.

VELOSO, Maria do Socorro F. *Jornal Pessoal: a agenda alternativa de Lúcio Flávio Pinto*. *Extraprensa (USP)*, v. 1, p. 1-15, 2010.

_____. *Imprensa, poder e contra-hegemonia na Amazônia: 20 anos do Jornal Pessoal (1987-2007)*. 2008. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação) Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____; RONDELLI, Daniella Rubbo. Uma proposta de análise do discurso jornalístico: o caso do artigo O rei da quitanda, de Lúcio Flávio Pinto. In: VI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORTE, 6., 2007, Belém. Anais... São Paulo: INTERCOM, 2007.